

Nº 03 | 2023 | ISSN 2965-3312

ANAIS SEPHA UERJ

TRAJETÓRIAS PLURAIS

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/

s471 Seminário de Pesquisadores de História da Arte

(3. : 2023 : Rio de Janeiro)

Anais SEPHA UERJ: trajetórias plurais. – Rio de Janeiro: UERJ,
PPGHA, 2023.

350 p.

Informações retiradas da capa: v.1, n.3.

Periodicidade anual.

ISSN 2965-3312.

1. Arte – História – Congressos. I. Universidade do Estado do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História da
Arte. II. Título.


CDU 7(091)

Bibliotecária: Cristina da Cruz de Oliveira – CRB-7 4342



GT 2

Trajetórias Plurais: Estudos de Gênero





Identidade em sociedade

Natalia Candido¹

Resumo:

O artigo visa compreender a identidade feminina na sociedade ocidental, como as artistas contemporâneas selecionadas dialogam em suas produções artísticas, são elas Regina José Galindo, Marina Abramovic e Ghazel. Como essas artistas com diferentes vivências discutem as violências vividas.

Palavras-chaves: identidade; gênero; sociedade; arte contemporânea.

¹ Natalia Candido, autora, doutoranda no Programa de Pós-graduação em História da Arte, UERJ, profissionalmente atua como docente nas redes municipais de Niterói e Macaé.

Nos últimos anos, tornou-se recorrente associar, na arte, questões relativas ao discurso sobre identidade com uma espécie de pauta política de inclusão social. Sabemos que grupos considerados minoria, a partir dos anos 1960, começaram a exigir seu lugar de fala, mas ainda assim, ocultam-se, de fato, os variados significados associados às formas como tratamos a identidade, principalmente a ideia de que ela vem a ser um dado social e histórico construído. Cada época elege signos e estabelece lutas de ordens variadas quando o assunto gira em torno do sujeito, seus direitos políticos, suas atribuições distintivas. Assim aconteceria com o direito ao voto, a criminalização do racismo, da homofobia e tantos outros. Para além disso, o conjunto de características particulares que dão o reconhecimento ao indivíduo, a identidade social, se faz necessária para que o indivíduo possa gozar dos direitos legais e cívicos do qual está sujeito perante sua comunidade que pode usar mecanismos de exclusão. Por isso, se faz urgente identificar-se a um nome, sexo, filiação etc., individualizando o que a antropologia social denomina como “noção de pessoa”, nos termos de Marcel Mauss.

Com o colapso das instituições que antes eram os pilares da sociedade, tratando-se do clero e da coroa, se acirrou o debate sobre as políticas e questões da identidade, que são afirmadas e afirmativas durante a crise do mundo ocidentalizado. Nos fundamentalismos de várias ordens, grupos revivem a ideia de pureza e se auto intitulam, evidenciando características humanas superiores para excluir todos os membros que não são pertencentes ao mesmo; ou nos acessos estimulados pela cultura de massa, entendemos identidade como uma convenção socialmente necessária, mas nunca uma convenção em consenso coletivo. Por isso, ainda necessitamos de leis que garantam o direito individual. Vemos, assim, dois lados da mesma

moeda, por um lado a identidade traz consigo a liberação, a voz desejosa, internalizada, mas por outro lado, pode ocorrer a opressão, a negação social dos direitos, a imposição de preconceitos. Temos que entender o caráter individual e efêmero da identidade e seu reconhecimento, fato que a arte trabalhará com afinco, clamando pelos direitos de expressão.

Nesses tempos em que a globalização e seus ideais estão em voga, a identidade que temos é compartilhada com o grupo, um aspecto que temos e se torna comunicado aos outros. A arte lida com tal identidade como conceito a ser transformado em imagem, partilhado, compartilhado como pensamento, protesto, revolta, patrulha. Todos transitamos por várias comunidades de ideais e valores, nossas múltiplas identidades culturais estão sempre em negociação no local onde vivemos, ligando a todos pelo sentimento do coletivo. Com o multiculturalismo – termo que sugere a existência de “muitas culturas” – isso se dá de modo ainda mais intenso e não menos conflituoso: através da luta para edificar e reforçar essa identidade, exigindo lugares, representatividades, políticas inclusivas, porém a palavra “identidade” permanece frágil nessa condição transitória, se tornando uma assimilação forçada.

A exclusão das várias identidades marginais da sociedade vem sendo um dos problemas correntes do capitalismo, aumentando o processo da desigualdade, contribuindo para o aumento da pobreza, criando a polarização social. As vozes da opressão só vêm mudando de forma, mas sempre existiram, como nos processos da escravidão, das castas inferiores na Índia, dos que não possuíam raça pura etc. Segundo Stuart Hall, o reconhecimento de uma origem comum e a partilha dela por grupos dão nome ao que chamamos de identificação:

é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal (Hall, 2014, p. 106).

Ao observarmos essa questão, segundo a perspectiva sociológica, perceberemos que existem três modalidades de entendimento muito diferentes sobre identidade, como sublinha Hall: o sujeito iluminista, o sociológico e o pós-moderno. O sujeito iluminista se baseia em uma concepção individualista do ser, como sendo o centro de sua consciência e ação, um sujeito racional e, em certo sentido, heteronormativo, como nos termos atuais. O sujeito sociológico tem sua identidade formada pela interação do eu com a sociedade, trazendo e exibindo distintivos de grupos, manifestações coletivas, populares ou eruditas. O sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa, sendo volúvel, ancorando-se a múltiplas manifestações coletivas, atravessando grupos, desenvolvendo-se por auto atribuição, como no caso da condição étnica atual. Portanto, ao tratarmos de um dos distintivos da identidade, o feminino, falamos um pouco de cada tipo de sujeito, desenvolvendo, a partir da arte, observações sobre o discurso do sujeito sociológico e pós-moderno.

Se optarmos por uma abordagem sociológica, como a seguir se procederá, nos depararemos com um problema que a ‘sociedade’ desencadeia, a saber, a ansiedade de apenas continuar um jogo estabelecido que foi institucionalizado. A condição do gênero feminino fez-se em negociação com a igreja, os costumes civilizatórios, as regras morais, que, previamente, normatizavam as coerções do gênero para que permanecemos jogando. Este “jogador” necessita de “fichas” suficientes para jogar todas as fases ou será interrompido por sanções sociais de todas as ordens, muitas vezes, levando à eliminação, como nos crimes raciais. Este sujeito sociológico

comprova que o modo como interagimos “entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público” (Hall, 2015, p. 11) torna-se uma projeção de ‘nós mesmos’ na complexidade do mundo moderno. Acredita-se que ainda há um núcleo, uma espécie de essência normativa, que promete se relacionar ao interior dos sujeitos, mas que, na realidade, se dá por hábitos manifestos. A estabilidade entre esses mundos aos quais os sujeitos habitam, jamais se regularizou. Muito ao contrário, a arte serviu em muitos casos como revolta diante das regras de domesticação.

REGINA JOSE GALINDO em “Confésion”, é afogada em um barril de água por um homem forte que contrasta fisicamente com o corpo franzino da artista. Galindo, então, desiste diante da força do outro. Nesta produção, há a vulnerabilidade da artista que vem a se tornar o sintoma da fragilidade do corpo. Neste receptáculo, cabem todos os problemas e angústias do mundo. O desejo de criar uma voz que protesta pela universalidade de representação da condição humana.



Figura 1. Regina José Galindo, *Confésion*
Imagem de vídeo (2007)
Disponível em:
<https://shre.ink/rRLE>.
Acesso em: 16 mar. 2017

Essa identidade como modo de unificação, como algo único nas relações de poder, estabelece uma segurança em um caminho desejável e único. Porém, a identidade dentro da vida social compreende-se como um espaço em permanente processo de “tornar-se”, construindo a partir do que temos em mãos, podendo existir outras variáveis, não em um sentido único, como se fosse um “bolo”, varios ingredientes diferentes que quando se misturam formam um produto como seu resultado final.

Logo, o sujeito pós-moderno torna-se a fragmentação e o desmembramento do sociológico. Esse sujeito surge como resultado da fundamentação previamente vivida como unificada e estável sofre das várias identidades que o sujeito se expõe na modernidade. Surge do processo de simbolização pessoal e coletiva em meio aos agenciamentos que são feitos em suas paisagens sociais e a partir de agora não mais o asseguram, deslocando na experiência vivida na dúvida e incerteza que, neste momento passa a ser questionada e nossas projeções na identidade cultural tornam-se provisórias, variáveis e problemáticas. A partir desse momento a identidade passa a ser questionada quando está em conflito e passa por mudanças estruturais e institucionais.

Nesses tempos em que a globalização e seus ideais estão em voga, a identidade que temos é compartilhada com o grupo, um aspecto que temos e torna-se compartilhado por outros. E a arte tenta resgatar e recondicionar o conceito sobre o que entendemos como identidade, partilhado, compartilhado como pensamento, protesto, revolta, patrulha. Percorremos em comunidade, dividimos ideais e valores, múltiplas identidades culturais sempre em combinação, como forma de expressar o sentimento de coletividade.

Em síntese, a identidade se faz no processo de assimilação de aspectos subjetivos comuns em um determinado grupo, porém, essa eficácia simbólica em ligar também traz consigo a exclusão, nas mais variadas formas em como são expressas as identidades, esses que vivem às margens do que é estabelecido vem sendo um dos problemas correntes do capitalismo que com o aumento do processo da desigualdade social contribui para o aumento da pobreza, criando a polarização social. Quando falamos em padrão no sistema econômico vigente, estamos falando de consumo; as vozes da opressão só vêm mudando de forma, mas sempre existiram, como nos processos da escravidão, das castas inferiores, raça impura “como expressão designativa de uma pessoa de moral baixa” (Elias, 2000, p. 19).

Contudo o que apelidamos de minorias são grupos que se mantêm inferiores em relação ao poder na dinâmica social, existem vários modos de dar nomes a esse grupo em especial, como Norbert Elias e John L. Scotson nomearam de *outsiders* e os estabelecidos são aqueles que gozam de privilégios sociais por já estarem dentro do padrão oferecido, aqui chamaremos o “Outro”, largamente utilizado na sociologia em especial pelo teórico Stuart Hall e Homi K. Bhabha; usaremos o termo *outsider* para designar o “Outro” do mundo capitalista, aquele que o próprio sistema não consegue e não se esforça para absorver:

o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características ‘ruins’ de sua porção ‘pior’ – de sua minoria anômica. Em contraste, a autoimagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais ‘nômico’ ou normativo – na minoria de seus ‘melhores’ membros (Elias, 2000, p. 23).

A identidade se proclama quando há uma tentativa de ruptura e não se oferece disponível em sua eficácia simbólica, passa a não poder ser pensada de modo usual e necessita de uma reformulação de sua concepção inicial. Dessa forma a identidade, carregando a problemática da sua própria definição se transforma em elemento ativo de mudança e política, no contexto dos movimentos políticos. Neste momento há a preocupação em se desfazer da noção antiga e transgredir como experiência as formas de como se lidava com essas minorias e necessitando colocar seu valor frente aos dados anteriormente, produzindo com efeito a superação do seu próprio tempo. Porém, há a impossibilidade de “esquecer que há uma infinidade de processos históricos e situações de interação cotidiana em que marcar a diferença é o gesto básico de dignidade e o primeiro recurso para que a diferença continue a existir” (Canclini, 2015, p. 69). Essas linhas fora da curva se unem através de identidades, muitas vezes, impostas pelos estabelecidos em que cada uma se liga naquela identidade maior e juntas por um bem comum.

Com o impulso em transgredir o ideal de pertencimento no mundo, o desejo de violar o acometimento básico e essencial da generalidade. A identidade dessas minorias produz um sentido divergente e próprio, não se torna a manutenção do antigo. Soma-se a isso ao observarmos como seria formada a identidade a partir da identificação de ideias culturais que coexistem no indivíduo: confrontadas e nem sempre harmoniosas formam o que o indivíduo se torna. A lógica desse jogo traça a diferença e fronteiras culturais de uma região, país, gênero e sexualidade de maneira simbólica. Contudo, o conceito amplamente utilizado será o posicionamento discursivo e essencialista quando falamos em identidade.

Há, porém, a coletividade instruída a harmonizar, segurar e assegurar o pertencimento cultural ou a singularidade inalterável que se colocará acima

de todos. Sendo assim, com esse ponto de vista aceitamos que na modernidade tardia as identidades são cada vez mais fragmentadas e divididas, por isso são construções discursivas construídas ao longo das práticas e ações de cada indivíduo, estando em constante transição e alteração.

A partir desse ponto podemos considerar que o questionamento sobre quem somos, quem vamos nos converter, como temos sido e estamos sendo representados e como essa representação afeta a forma como podemos nos representar, todas essas indagações ficcionais formam a criação do discurso que se transforma na narrativa de cada um, mesmo sendo ficcional não deslegitima as histórias por trás da origem da identidade. O espaço simbólico se propõe como um espaço imaginário de construção.

GHAZEL cria uma série de fotografias, nas quais desafia as noções do estereótipo da mulher muçulmana. O poder simbólico da cultura ocidental dita a regra. A série fotográfica chamada “Family Tree”, questiona a construção da ideia do outro em nós mesmos. Sua identidade em “Family Tree” é fluida, assumindo a sua subjetividade como grande crítica que assim



Figura 2. Ghazel, *Family Tree* da série “Me” (1997–)
Imagem de vídeo *Carbon12*, Dubai, 2013
Disponível em: <https://shre.ink/rRLv>. Acesso em: 16 mar. 2017

a liberta para assumir toda a sua complexidade, como se toda mulher quisesse ser um ícone artístico. Para ingressar no circuito de artes e exposições do ocidente, a artista precisa dominar a esfera simbólica, pois a instituição a estabelece e determina o que é, há espaço apenas para quem, como ela, domina e subverte os símbolos que já estão dados mastigando juntamente com sua cultura nacional, a tornando mestiça, diminuindo o “fosso” que há entre elas. Assim, Ghazel, com toda sua cultura-problematização da subjetividade, atravessa a alteridade, ganhando toda a força necessária para ocupar uma galeria de arte no ocidente.

Além disso, precisamos compreender a identidade dentro do discurso em que está inserida, nunca fora deste, para produzir e entender contextos muito específicos e singulares no interior da narrativa em que permanece sendo construída. Portanto, precisamos assimilar que o surgimento da identidade se faz da interação no jogo de poder e torna-se uma divisão de diferença e exclusão. A dinâmica se estabelece da diferenciação daquilo que não é em relação ao Outro, por via de uma interação discursiva imaginária, esse seria o poder e a exclusão.

Os guetos urbanos nascem a partir dessa ideia de exclusão, ao assumirem uma identidade coesa e fechada em um lugar onde não há flexibilização de encontros e agenciamentos, sendo assim acabam ficando marginalizados. A falta de interesse em integração e a dominação permitem a exclusão dessas minorias, dessa forma, os agenciamentos funcionam como elementos constitutivos de territórios. Para que haja uma mudança de contexto, temos a necessidade de uma inserção de sentidos que produza uma importância na dinâmica social, desmascarando a ideologia e os mecanismos de dominação da sociedade para além das aparências.

Para prosseguir no raciocínio iniciado sobre o senso de identidade que estamos desenvolvendo ao longo do texto, precisamos compreender o desejo individual de personalidade própria e buscarmos uma outra perspectiva acerca deste assunto, teremos que tratar sobre comunidades, aqui abordaremos modos como a realidade se constrói mediante às ações humanas e seus agrupamentos armam como um corpo social. Mas o que significa esse corpo social? A convivência de indivíduos em um mesmo ambiente contribui para o aparecimento do corpo social, somos seres que se organizam em seus *corpos* formando uma sociedade. O indivíduo aprende a ser o que se espera na vida organizada em sociedade e no mundo que compartilha com os outros.

No seio da comunidade existem diferentes tipos de relação de poder que fazem parte do processo social. A forma como se estreita os laços entre vivências diferentes, na variação e no aparecimento de eventos que exibem e proporcionam uma abertura para o outro, acima de tudo na exaltação despreziosa ao distinguir a comunidade, esses eventos integram os elementos divergentes em torno de um único evento. Nesse caso, a arte como mercadoria de valores estéticos obtém bom resultado ao enfatizar e questionar o mundo e seus mecanismos num desejo de mudar a própria época, o pessoal se torna político, uma crônica dos acontecimentos em sua realidade simbólica. Não apenas em si, mas o “reconhecimento e a proteção dessas diferenças inassimiláveis têm importância cultural e também política” (Canclini, 2015, p. 69).

MARINA ABRAMOVIC, afirmara, “a arte deve ser bela”. Na performance, ela está vestida de preto e penteia violentamente seu cabelo, repetindo a frase: “a arte deve ser bela”. Aqui a repetição do gesto torna-se a metáfora da construção da perfeição e do conceito de belo que foi atrelado à arte e à



Figura 3. Marina Abramovic,
A arte deve ser bonita
 Imagem de vídeo (1975)
 Disponível em:
<https://shre.ink/rRLh>.
 Acesso em: 16 mar. 2017

condição feminina, desde a modernidade até a contemporaneidade. Abramovic refaz o gesto até chegar ao resultado, uma presentificação do ideal de beleza ao qual estamos subordinados, marcado por violência e excesso.

Portanto a comunhão e o compartilhamento de signos constituem um sentimento de vínculo entre diferentes quando assim partilham de ideias comuns. As crises dentro do corpo social criam fissuras para que outro tipo de movimento aconteça e crie um outro modo de consciência dessa sociedade, estabelecendo um sentimento de vínculo no âmbito da identificação estética, sendo assim a identidade passa perto das emoções, ideias e paixões humanas. A temática que permeia as produções artísticas dessas artistas mulheres, nos capacita a compreender as razões que levam muitas delas a expor suas vidas pessoais como eficácia simbólica, com todas as suas questões, em suas criações e uma forma de criar identificação e relações entre elas. As artistas mulheres, hoje, colocam essa questão do sujeito na arte e imprimem suas vivências pessoais e identidades em seus trabalhos, como forma de subverter a norma, o privado, particular e íntimo que não deveria ser exposto, mas sim, velado. Ao tornar público o que se passa em suas vidas, mentes e corpos, elas subvertem a lógica dentro do sistema que insiste em ocupar seu lugar no mundo fora de casa. Em resumo, a identidade vive em um estado poroso em que se mantém

na condição de absorção permanente no qual partilha os sentimentos ambientes ao lhe garantir a percepção do pertencimento.

Para superar as divergências que surgem quando há elementos heterogêneos e assim criam tensões por vezes políticas entre eles, o equilíbrio só passa a ser adquirido em um jogo tênue entre os envolvidos, em que cada um coabita seu espaço sem a pretensão de se impor sobre o outro. Quando nos reunimos em torno de algo bem mais importante, uma condição fruir juntos cria elos simbólicos em torno dos prazeres e sofrimentos que compartilhamos em comunhão. O corpo social que o cria, ou seja, o olhar do outro que cria quem sou. As identidades são construções culturais complexas que unem um grupo específico. Aqui, nosso objeto de estudo será a identidade feminina. A tomada de consciência do papel da mulher na sociedade afeta de modo relevante suas produções para questionar e revelar as identidades e banalidades dos estereótipos do papel feminino.

Referências bibliográficas:

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução: Sérgio Millet. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2009.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. 9. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade*. Tradução: Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Süssenkind; apresentação e revisão técnica, Frederico Neiburg. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

CESAR, Marisa Flório. *Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Circuito, 2014.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução: Luiz Sérgio Henriques. 3. ed. 1 reimp. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

JEUDY, Henri-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. Tradução: Tereza Lourenço. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed., 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2015.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward, 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 106.

MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Tradução: Juremir Machado da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PEVSNER, Nikolas. *Academia de arte: passado e presente*. Tradução: Vera Maria Pereira; Coordenação: Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

